

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

  
LISBOA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

  
LETRAS  
LISBOA

  
FACULDADE DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

  
FUNDAÇÃO  
MILLENNIUM  
BCP

# OS SILOS DO PALÁCIO DE SANTA HELENA (LISBOA)

Luísa Batalha<sup>1</sup>, Nuno Neto<sup>2</sup>, Pedro Peça<sup>3</sup>, Sara Brito<sup>4</sup>, Guilherme Cardoso<sup>5</sup>

## RESUMO

Durante os trabalhos arqueológicos realizados pela empresa Neoépica, a sul do mosteiro de São Vicente de Fora, no Largo do Sequeira, sob o antigo palácio de Santa Helena, foram identificados antigos vestígios da anterior ocupação daquele espaço sobranceiro à Alfama. Um dos achados mais significativos é um conjunto de silos de grandes dimensões que foram abertos no subsolo do Miocénico durante a Baixa Idade Média. Do interior dos silos foi exumado um conjunto de peças de cerâmica que devido ao seu estado de conservação mereceu a especial atenção pela relevância do achado.

**Palavras-chave:** Silos, Majólicas, Faianças, Cerâmica doméstica, Peças de osso.

## ABSTRACT

Archaeological works carried out by Neoépica to the south of São Vicente de Fora monastery at Largo do Sequeira, uncovered, under the old Santa Helena Palace, evidences of a previous human occupation of the site. Underground silos of large dimensions were built on Miocene levels during the Low Middle Ages. This paper concerns the study of a well-preserved ceramics assets, stored and found within the silos.

**Keywords:** Silos, Majolica wares, Faience, Domestic wares, Carved bones.

## 1. INTRODUÇÃO

Durante os trabalhos arqueológicos realizados pela empresa Neoépica Lda., sob responsabilidade dos arqueólogos Nuno Neto, Pedro Peça e Sara Brito, no Largo do Sequeira, sob o antigo palácio de Santa Helena, foram identificados vestígios da anterior ocupação daquele espaço sobranceiro a Alfama.

O Palácio de Santa Helena, também conhecido como Palácio dos Condes de S. Martinho, situa-se na freguesia de São Vicente, em Lisboa, a Sul do Mosteiro de São Vicente de Fora, tendo sido construído em finais do século XVII. Implanta-se sobre uma escarpa com vista sobre o Tejo, a Sul, numa área extramuros da designada Cerca Moura, mas que posteriormente é envolvida pela Cerca Fernandina, cujo traçado passa a Sul e Nascente da área em análise.

Os trabalhos arqueológicos enquadraram-se na empreitada de reconversão do Palácio de Santa Helena em novos edifícios de habitação, tendo-se registado uma intensa ocupação humana que recua pelo menos a época medieval islâmica, da qual se reconheceram alguns contextos arqueológicos, entre os quais se destacam os níveis de necrópole. De especial interesse revestem-se os silos de época medieval de grandes dimensões que foram utilizados como ponto de armazenagem de cereais. Um documento datado do final do século XVIII identifica a existência no local de “covas de pão” no olival junto à cruz de S. Vicente de Fora durante o reinado de D. Dinis (Figueiredo, 1800: 268-269).

Localizados no interior da cerca Fernandina, nos seus limites a nascente, estes silos, por razões que desconhecemos, foram desactivados e passaram a

1. Arqueóloga; batalhaluisa5@gmail.com

2. Neoépica Lda.; neoepica@gmail.com

3. Neoépica Lda.; neoepica@gmail.com

4. Neoépica Lda.; neoepica@gmail.com

5. C.A.L. (Câmara Municipal de Lisboa); guilherme.cardoso@cm-lisboa.pt

ser utilizados como fossas detriticas. De momento, dado que, à data de fecho deste artigo, ainda decorrem no local os trabalhos arqueológicos, torna-se impossível dizer com exactidão a data de abandono. Contudo, os materiais exumados neste sítio apresentam tipologias que os colocam ali no decorrer do século XVI, perdurando no XVII.

Um estudo realizado por Anabela Godinho sobre população e sociedade entre os séculos XVI-XVIII na freguesia da Sé, dá conta de aspectos demográficos significativos que em parte poderão explicar a colmatção destas estruturas. Esta freguesia, segundo a autora, fazia parte e era a maior do conjunto de seis freguesias situadas no interior da cerca Fernandina, na qual se integrava o convento e os terrenos na sua envolvente. (Godinho, 2008). Inserida na análise de vários comportamentos demográficos, encontramos neste estudo uma abordagem interessante sobre a mortalidade em que se demonstra como os fenómenos naturais e os anos consecutivos de pestes afectaram as populações da cidade e particularmente esta freguesia.

Durante o processo de tratamento destes materiais foi-nos dado observar que para além do lixo doméstico diário, a maioria das peças se encontrava inteira, mas com vestígios de cal quer no seu interior, quer nas superfícies externas. A nossa experiência de trabalho diz-nos que perante estas situações, são efectivamente circunstâncias associadas a momentos de pestes que levam as populações a desfazerem-se dos seus bens ou dos bens daqueles que morriam, por medo da transmissão da peste, sendo aqueles via de contágio.

O presente artigo procura dar a conhecer, de uma forma generalista, os vestígios identificados nesta intervenção arqueológica, dando-se especial destaque para o conjunto artefactual recolhido nos níveis de abandono dos silos, enquadrado nos séculos XVI/XVII.

## 2. TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS

Os trabalhos arqueológicos realizados até ao momento incidiram no interior e exterior do palácio e foram efectuados em duas fases distintas. A primeira consistiu na abertura de diversas sondagens de diagnóstico distribuídas pelas áreas que irão ser sujeitas a maior afectação de solo aquando da implementação do projecto de reconversão do palácio

em unidades de habitação. A segunda fase, ainda em curso, consiste na escavação em área dos vestígios arqueológicos identificados.

A ocupação mais antiga reconhecida corresponde ao período islâmico e consiste na presença de algumas estruturas resumidas aos seus alicerces e a uma necrópole constituída por 19 enterramentos, depositados em decúbito lateral, orientados para Meca. Estes enterramentos não possuem material arqueológico associado, encontrando-se directamente sob níveis de cronologia Moderna. Alguns deles encontram-se bastante afectados, cortados pelas ocupações posteriores, nomeadamente pelos silos.

No que respeita aos silos identificados, foi possível encontrar na bibliografia existente uma referência ao facto de D. Dinis ter mandado construir na zona de São Vicente um conjunto de “covas de Pão” que permitiam armazenar grandes quantidades de cereal. Os trabalhos desenvolvidos possibilitaram, até ao momento, a identificação de cinco silos, quatro deles de muito grandes dimensões, escavados no subsolo do Miocénico, que constituem um dos achados mais significativos do local. Até ao momento apenas foi possível escavar na íntegra três dos silos identificados, tendo a escavação de uma destas estruturas sido interrompida por questões de segurança dada a sua elevada profundidade. Com excepção de um dos silos, todos possuem grandes dimensões, apresentando diâmetros de cerca de 6m e profundidade entre os 4m e os pelo menos 7m.

Entre os séculos XVI e XVII os silos parecem ter perdido a sua função original, tendo sido usados como local de despejo. A encher estes silos encontra-se então uma espessa sequência sedimentar, composta de diversas camadas de enchimento, recolhendo-se em associação um grande conjunto artefactual que marca o seu abandono, parte do qual se analisa no presente artigo.

Para além dos vestígios atrás referidos, regista-se ainda um conjunto de estruturas habitacionais de época Moderna, algumas delas a sobreporem-se aos silos descritos.

## 3. MATERIAIS

Com o intuito de contribuir para o conhecimento das intervenções e trabalhos arqueológicos que se vêm desenvolvendo na cidade de Lisboa, decidimos trazer a lume um pequeno conjunto de materiais que longe de serem representativos da realidade factual,

dadas as dimensões dos silos e deste em particular, abrem caminho a futuras abordagens no que concerne aos materiais exumados com vista à elaboração de um trabalho amplo do ponto de vista formal.

### 3.1. As cerâmicas

#### 3.1.1. Cerâmica de importação

##### Produções valencianas – Paterna/Manizes

As escudelas são peças bem representativas de uma época. Os nossos exemplares inserem-se numa cronologia do século XVI e são comuns nos achados arqueológicos de Lisboa (n<sup>os</sup> 1, 2, 3 e 4). Tal como já acontecera com o exemplar do Palácio da Anunciada (a publicar nestas actas) estas peças foram decoradas com reflexo dourado, observando-se ainda alguns resíduos de pintura vermelha nas pegas. Profusamente decoradas, resta o negativo somente observável com luz rasante. Deste modo foi possível identificar alguns traços, diversificados em cada uma delas. Estes exemplares possuem dupla asa, recortadas e moldadas. O corpo é globular com paredes espessadas. No caso do exemplar n<sup>o</sup>4 a base é côncava e assenta em aresta bem demarcada. Estas peças encontram paralelos em Lisboa na Casa Côrte-Real (Sabrosa, 2008: 126 a 128). Do conjunto de cerâmica esmaltada exumada na antiga prisão do Aljube, também constam dois exemplares enquadráveis em cronologia do século XVI. Embora incompletos, apresentam as mesmas características formais e decorativas das escudelas do Palácio Sequeira (Amaro *et alii*, 2013: 1023).

##### Produção sevilhana

Das oficinas sevilhanas temos um prato com 190mm de diâmetro de base (n<sup>o</sup>7). Encontra-se incompleto. Apresenta pasta dura de grão fino e bem depurada. A decoração consiste num cordão entrançado com dois tons de azul em torno do fundo interno. Igualmente de produção sevilhana temos uma malga de perfil incompleto com paredes espessadas, carena bem demarcada e bordo vertical com lábio arredondado (n<sup>o</sup>19).

##### Majólica Italiana (n<sup>o</sup>5 e 6)

Neste conjunto cerâmico está presente um prato de perfil completo e o fragmento de um outro de forma indeterminada. Os dois, do ponto de vista formal e decorativo apresentam filiação nas majólicas italianas com cronologia do século XVI.

O fragmento n<sup>o</sup>5 pertence a um prato policromo de boa qualidade. Pasta de grão muito fino, homogénea e compacta. Da decoração fazem parte motivos ve-

getalistas e fitomórficos onde predominam as cores, branco, amarelo, azul e turquesa.

O prato n<sup>o</sup>6 oferece perfil completo. Decorado com uma banda de motivos circulares e fitomórficos alternados, sobre azul, apresenta no centro uma temática de cariz zoomórfico. A falta de aderência do vidrado à chacota impossibilita a leitura exacta de todo o motivo. Para além das bandas estreitas e coloridas, desta composição fazem parte duas aves com os pescoços entrelaçados, das quais foi possível reconstituir parte. Na impossibilidade de estabelecer uma comparação estilística, foi difícil determinar a origem do centro produtor, embora a decoração policroma do exemplar n<sup>o</sup>5, *fiori centrale*, nos faça considerar a hipótese de estarmos perante um prato das oficinas de Montelupo. Do mesmo modo a peça n<sup>o</sup>6 encontra correspondência cromática com exemplar da figura 3H da prisão do Aljube que segundo os autores é característica das formas abertas (Amaro, *et alii*, 2013: 1024).

##### Produções de Lisboa – Faianças

Apresentamos um conjunto de cinco pratos, azul-cobalto sobre branco, com cronologia do século XVII, (8, 9, 10, 11 e 12). São exemplares de aba em diagonal com ressaltos internos numa parede arredondada e assentam numa base de pé anelar. O prato n<sup>o</sup>8, de perfil completo, oferece decoração em semi-círculos concêntricos, imbricados, na cor azul. A peça n<sup>o</sup>9 corresponde a um grande prato com 270mm de diâmetro. De perfil incompleto, apresenta aba com ressaltos. A decoração é vegetalista e junto ao bordo dois filetes finos em azul. Apresenta paralelo na Casa do Infante (Barreira, 1998: 157). Os pratos n<sup>os</sup>10 e 12 apresentam a mesma afinidade decorativa. Pinceladas longas e verticais em todo o corpo da peça, diferem unicamente nos motivos centrais. A decoração das abas apresenta paralelos na Rua de Buenos Aires em Lisboa (Batalha, *et alii*, 2016: 33); em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998: 252) e em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999: 209).

A peça n<sup>o</sup>11 apresenta as mesmas características formais das anteriores. Corpo sub-troncocónico, aba oblíqua e pé anelar e encontra-se decorada com motivos vegetalistas, onde se destacam grandes folhas, dispostas vertical e horizontalmente, alternando com pequenos apontamentos florais.

No conjunto das faianças de Lisboa apresentamos duas saladeiras (n<sup>os</sup>13, 14). Tal como os pratos são peças do serviço de mesa. Apresentam decoração azul de cobalto sobre branco e inserem-se em cronologia

do século XVII. Na decoração foram utilizados motivos fitomórficos e vegetalistas. Do ponto de vista formal encontramos paralelos em Lisboa na Rua de Buenos Aires (Batalha *et alii*, 2016: 33). A peça nº 13, de perfil troncocónico incompleto, oferece uma cartela na qual se observa uma grande folha, alternando com um espaço preenchido com reticulado e uma folha de feto estilizado. A saladeira nº 14 com o mesmo perfil apresenta decoração fitomórfica de leitura indeterminada. Também no Porto, Casa do Infante, é possível encontrar paralelos formais (Barreira, 1998: 154). As taças estão representadas através do exemplar nº 15. Apresenta perfil completo. Bordo em aba, corpo hemisférico e pé anelar. O motivo central é indeterminado devido a fractura. Junto ao bordo oferece motivo vegetalista. Por outro lado, a taça nº 16, mais alta, possui aba bem pronunciada em voluta e corpo globular. O bordo encontra-se decorado com pinceladas azuis e a superfície interna com semi-círculos concêntricos alternados com pequenos círculos envolvidos em fina espiral. Este exemplar encontra um paralelo formal muito próximo, no espólio da rua da Marinha em Faro (Botelho e Ferreira, 2016, 250).

No reportório das cerâmicas vidradas consta um covilhetes de perfil completo, com larga difusão em cronologias do final do século XVII e XVIII (nº 18). Encontramos exemplares em chacota na rua de Buenos Aires (Batalha *et alii*, 2016: 35; 2012: 951); no convento de Santana (Gomes *et alii*, 2016: 81); Pátio do Linheiro – Mouraria (Caessa *et alii*, 2016: 121) e em Setúbal (Almeida, 2016: 141). No centro histórico de Santarém, convento das Capuchas, surgiram igualmente exemplares de faiança esmaltada branca (Boavida *et alii*, 2016: 260).

Finalizamos a descrição deste conjunto com um salseiro/especieiro (nº 18). Peça de mesa de uso individual de grande difusão. Lembramos mais uma vez os exemplares encontrados da rua de Buenos Aires, entre os vestígios de um centro produtor de faiança (Batalha *et alii*, 2016: 34). Em Almada, em diferentes contextos, surgiram alguns exemplares (Casimiro *et alii*, 2016: 137).

Das produções de Lisboa apresentamos um prato revestido de vidro estanífero, nº 21. De perfil completo, apresenta pequena aba com depressão, corpo espessado e base plana. Cronologicamente datados do século XVI, estes modelos encontram paralelos em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999: 209). O prato nº 22 apresenta bordo com ligeira inflexão ex-

terna, paredes espessadas com ressalto interno, as quais assentam em aresta bem vincada e fundo em ônfalo. Este modelo encontra-se presente no Porto (Silva *et alii*, 1998: 308). Os dois exemplares nºs 23 e 24 apresentam pequena aba sub-horizontal, paredes curvas com ligeira carena sob o bordo que assentam em aresta pronunciada. Na vila de Cascais vamos encontrar um bom paralelo (Cardoso e Rodrigues, 1999: 204). Estes pratos encontram-se igualmente em Palmela (Fernandes, 2012: 513; 1998, 249).

### 3.1.2. Cerâmicas de vidro plumbífero

#### – Importação

Nesta família cerâmica incluímos um prato de produção Sevilhana (nº 22). Modelo característico do século XVI. Apresenta perfil completo com pequena aba e ressalto interno. O fundo em ônfalo assenta em aresta sobre base plana.

As malgas encontram-se igualmente presentes através de um exemplar de perfil incompleto de produção Sevilhana (nº 20). Esta é uma peça de peça de colo alto, vertical, com lábio de secção circular e carena média.

### 3.1.3. Produção vidrada de Lisboa

Temos um exemplar de prato fundo com perfil completo em vidro plumbífero melado (nº 26). O bordo apresenta pequena aba e o corpo troncocónico assenta numa base com ligeiro destaque.

Dois potes de pequenas dimensões integram este conjunto de peças vidradas (nºs 29-30). Apresentam colo com paredes verticais preenchidos com nervuras e lábio de secção circular no primeiro caso e triangular na segunda peça. Nos dois potes o corpo é globular, mas com pequena canelura junto à base que assenta no pé em bolacha no exemplar nº 30. Possuem duas pegadas horizontais, de secção circular aplicadas na zona mezial da peça. O pote nº 29 apresenta paralelos em Alfama (Silva *et alii*, 2012: 82). A peça nº 30 surge em Cascais na Rua do Poço Novo (Cardoso e Rodrigues, 1999: 209); outro exemplar apareceu no poço dos Paços do Concelho em Torres Vedras (Luna e Cardoso, 2006: 108) ou ainda em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998: 235). O vidro verde é de boa qualidade e apresenta escorridos.

Um dos modelos mais relevantes neste contexto é o exemplar nº 25. Não pela questão formal, mas sim pela inscrição cursiva feita provavelmente por encomenda, indicando pertença de alguém: “Ama dae sol luyza”, ou seja, ama dá só à Luísa. As superfícies

apresentam vidro melado. Oferece perfil completo, lábio de secção semi-circular, paredes de curvas suaves assentando em pé anelar.

O exemplar nº 55 representa um canjirão. É uma peça com vidro melado no interior e vidro verde com escorridos no exterior. Devido às condições de jazida, o vidro apresenta-se embaçado. A boca é polilobada, o colo vertical com caneluras, o corpo é ovóide e o fundo assenta em base plana. A asa canelada, de secção triangular encontra-se elevada ao nível do bordo. Encontramos paralelos num modelo datado do século XV na carga do navio Ria de Aveiro e da zona Ria de Aveiro B (Carvalho e Bettencourt, 2012, 737), (Alves *et alii*, 1998: 210).

#### 3.1.4. Cerâmica fosca de Lisboa

A cerâmica fosca encontra-se presente através de um pequeno conjunto minimamente representativo dado o volume de peças exumadas neste contexto. Impossível neste momento fazer uma contabilização, uma vez que ainda decorrem os trabalhos de escavação. Contudo, deixamos aqui alguns exemplares de perfil completo e todos eles com abundantes vestígios de cal.

Os pratos (nºs 23 e 24), peças de mesa, apresentam idêntica tipologia. Aba curta horizontal, parede curva e fundo em aresta bem marcada. Existem paralelos para estes exemplares em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998: 249; 2012: 513); em Cascais, no Beco dos Inválidos, foi exumado um prato com idênticas características (Cardoso e Rodrigues, 1999: 209).

A peça nº 26 corresponde a um prato fundo de pequena aba, paredes rectas que assentam em fundo com aresta bem demarcada. O convento de Santana em Lisboa ofereceu modelo idêntico (Gomes, 2013: 1063), tal como em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999: 209). Os contentores de líquidos estão representados através de um conjunto homogêneo de peças, entre as quais dois barris (nºs 27 e 28). São modelos de bojo tulipiforme com espalda troncocónica terminando num colo estreito, onde se regista um gargalo curto, mas bem destacado. Apresentam duas asas que no caso da peça nº 27 são sobrelevadas. Este barril apresenta a particularidade de apresentar defeito por amolgadela, bem como a falta do gargalo. Tal facto não impediu a sua comercialização, tendo sido provavelmente adquirido a um preço de acordo com as peças de refugo. São exemplares datados do século XVI com várias referências em diversos locais, tal como em Silves (Gomes, 1998: 284);

em Aveiro (Alves *et alii*, 1998: 191); o mesmo para Lisboa, na rua João do Outeiro (Diogo e Trindade, 1988: 191). Alejandra Gutiérrez no congresso dos “Velhos e Novos Mundos” apresentou exemplares de barris de produção portuguesa encontrados em contextos de exportação (Gutiérrez, 2012: 40). As painelas encontram-se representadas por cinco exemplares. Com o nº 31 temos uma painela datada do século XVI. O bordo de secção circular sobre nervura, da qual evolui para corpo com paredes ligeiramente curvas. Assenta em base plana. Encontra paralelos em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 2008: 102) e ainda em Lisboa, na Rua João do Outeiro (Diogo e Trindade, 1998: 264).

A painela nº32 apresenta colo com caneluras, bordo ligeiramente introvertido de secção quadrangular. O corpo, globular, assenta em base plana e as pegas horizontais estão aplicadas na zona mezial da peça. Forma característica do século XVII apresenta paralelos em Lisboa (Diogo e Trindade, 2002: 291); também na Rua do Benfornoso na Mouraria (Marques *et alii*, 2012:127). O terceiro exemplar (nº 33), de perfil incompleto, corresponde a um fragmento de bordo com secção quadrangular, encontrando paralelos num conjunto significativo em Cascais, na Rua do Poço Novo (Cardoso e Rodrigues, 2008: 104-105). De igual modo o exemplar nº 34, também de perfil incompleto, conhece grande difusão em contextos domésticos. Mais uma vez encontramos referências na Rua do Poço Novo em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 2008: 102)

Nos trabalhos que desenvolvemos na ETAR de Alcântara, o poço ofereceu, entre o espólio recolhido, painelas similares ao exemplar nº 35 (Batalha e Cardoso, 2013: 134); ainda com paralelos na Rua do Benfornoso – Mouraria (Marques *et alii*, 2012:127). São painelas de bordo com secção quadrangular, lábio plano, corpo globular, duas asas caneladas de secção oval e fundo em ônfalo. É ainda o caso de Palmela onde se registaram também idênticos exemplares (Fernandes e Carvalho, 1998: 235; Fernandes, 2012: 512). A peça nº 36 faz parte do reportório cerâmico de cozinha. Geralmente designada por frigideira, este exemplar assume também a designação de pa- peira. Revela perfil completo, bordo de secção circular e duas pegas triangulares. Assenta em base convexa. Encontramos paralelo com dois exemplares do Beco dos Inválidos em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999:203); no poço seiscentista da ETAR de Alcântara (Batalha e Cardoso, 2013: 136); em Palme-

la (Fernandes e Carvalho, 1998: 239); ainda em Lisboa, na rua dos Correiros (Diogo e Trindade, 2002: 291) e na Mouraria (Marques *et alii*, 2012: 127). Um outro exemplar (nº 37) corresponde a outro modelo de papeira que difere da anterior na medida em que as pegas horizontais foram aplicadas na zona mesial da peça e esta assenta em base plana. O Beco dos Inválidos em Cascais ofereceu um exemplar similar (Cardoso e Rodrigues, 1999: 203). A peça nº 38 corresponde a um testo de paredes espessadas, bordo em aba, assenta em base plana e possui pitorra. É um modelo recorrente nesta cronologia e damos como exemplo o paralelo com o exemplar encontrado no Beco dos Inválidos em Cascais, (Cardoso e Rodrigues, 1999: 199) ou na Rua do Poço Novo (Cardoso e Rodrigues, 2008: 107) e também na rua do Benfornoso – Mouraria. (Marques *et alii*, 2012: 127). O exemplar nº 39 apresenta forma e decoração que o colocam provavelmente entre os elementos decorativos de jardim como base de vaso, dado o tratamento de superfície ser rugoso. Apresenta aba bem destacada e decorada. O corpo, com paredes verticais oferece uma banda preenchida com sucessivos ônfalos. O fundo assenta em base plana.

Os púcaros em cerâmica fosca integram as peças de mesa. Correspondem às formas mais arcaicas destas cronologias devido à ausência de decoração e formas mais simples. É o caso dos exemplares nºs 40, 41 e 42. O primeiro exemplar apresenta colo envasado, estrangulado, corpo globular, com pé em bolacha e asa canelada com secção triangular. Encontra paralelos em Lisboa (Diogo e Trindade, 1988: 353), tal como na Ria de Aveiro (Alves, 1998: 194). A peça nº 41 oferece colo vertical, cilíndrico, com bordo fino boleado e corpo com bojo oval achatado e bem acusado assente em base plana. O paralelo mais próximo encontra-se em Cascais, no convento da Piedade (Cardoso e Rodrigues, 1999: 210). O púcaro nº 42, de pequenas dimensões, apresenta colo alto, cilíndrico com bordo afilado. O bojo oval, igualmente achatado sobrepõe-se a um ressalto sobre base plana. A asa, canelada, apresenta secção triangular. Por último apresentamos um púcaro em cerâmica fosca com a particularidade de se encontrar brunido. O acabamento de superfície é excelente, facto que lhe confere requinte, sendo sem dúvida uma peça de mesa. O colo é curto e convexo, lábio arredondado, corpo globular com uma cartela bem definida por duas caneluras largas, assente em base plana. A asa é canelada e de secção triangular.

O conjunto dos contentores de líquidos em cerâmica fosca integra quatro almotolias (nºs 50, 51, 52 e 53) e uma infusa (nº 54). Estes exemplares caracterizam-se por apresentarem pequenos gargalos, colos cilíndricos, ombros descaídos, bojos globulares ou ovóide na peça nº 52 que também apresenta bordo trilobado e as bases maioritariamente em bolacha. As asas são caneladas, de secção triangular, e ovóide na peça nº 51. Este exemplar encontra paralelo em Silves nos fornos da rua Elias Garcia (Gomes, 2008: 289); também em Cascais, o Beco dos Inválidos ofereceu um exemplar idêntico à peça nº 52 (Cardoso e Rodrigues, 1999: 205). A almotolia nº 53, tal como o barril nº 27, apresenta defeito de produção junto à base.

### 3.1.5. Cerâmica modelada

#### Púcaros (nº 43, 45, e 47)

A cerâmica modelada confirma ser um dos modelos formais introduzidos nos finais do século XVI com maior difusão. Devido às suas características estéticas são modelos que se perpetuam até inícios do século XIX e conhece grande dispersão por todo o território nacional.

O seu polimorfismo com características “barrocas” associado a um certo requinte, explica a sua difusão, com uma presença de destaque em todas as habitações, sobretudo à mesa. Não se encontra ainda bem definida a funcionalidade de algumas peças. Na verdade, a maioria dos púcaros eram utilizados para beber, mas alguns exemplares poderiam ter função decorativa devido ao facto de apresentarem bordos reticulados e irregulares (Santos, 2008: 328).

Alguns modelos de púcaros modelados são bem representativos. É o caso do conjunto constituído por cinco exemplares exumados neste silo, através dos quais a diversidade formal e o tamanho são bem evidentes.

Estas peças em análise apresentam paredes finas e acabamento de superfície de boa qualidade. Cozidas em meio oxidante, as pastas são bem depuradas e homogéneas. Na componente cromática predominam os barros vermelhos.

O exemplar nº 43, peça de perfil completo, apresenta bordo boleado, envasado, de secção circular com canelura. A asa é vertical de secção canelada. O bojo encontra-se decorado com uma banda de ônfalos e o fundo assenta numa base plana. A peça nº 45 de perfil completo apresenta bordo boleado de secção circular, canelura e moldura exterior com incisões

ovóides. O corpo é globular com dupla banda de incisões onduladas e dupla asa vertical de secção canelada. O fundo assenta num pé em bolacha. Com o nº 46, temos um exemplar de colo envasado, bordo boleado de secção circular e canelura, com moldura exterior no sobrelanço vertical, preenchida com decoração fitomórfica inserida em semi-círculos incisos. O bojo oferece uma banda de incisões circulares. Apresenta dupla pega torcida. Por último, com o nº 47 apresentamos uma taça de perfil completo com bordo boleado de secção circular, envasado e canelura. O corpo com sobrelanço troncocónico apresenta uma banda com mamilos na zona mezial da peça. O fundo inflecte num pé anelar convexo.

Lisboa tem oferecido bons paralelos para a cerâmica modelada. É o caso do convento de Santana (Gomes *et alii*, 2013: 1057); na Rua do Benfornoso, na Mouraria (Marques, Leitão e Botelho, 2012: 128); Pátio do Linheiro, Largo dos Trigueiros (Bargão e Ferreira, 2013: 1049); Castelo de São Jorge, embora pouco representativos (Gaspar e Gomes, 2012: 723); no edifício do Aljube em Lisboa, foi exumado, do ponto de vista formal e decorativo, um importante conjunto de cerâmica modelada (Santos, 2008). Contudo, a dispersão destes modelos verifica-se noutros contextos regionais. É o caso de Cascais, na Fortaleza de Nossa Senhora da Luz (Rodrigues *et alii*, 2012: 869). Ainda em Cascais, no convento de Nossa Senhora da Piedade (Cardoso e Rodrigues, 2002: 273, 283). Em Coimbra, no Museu Machado de Castro surgiram bons paralelos para alguns dos exemplares do silo de Santa Helena (Silva, 2012: 887); Évora também ofereceu cerâmica modelada no paço dos Lobos da Gama num contexto de esgoto (Lopes e Roque, 2012: 203). No convento de Santa Clara, em Moura, embora descontextualizado, foi exumado um excelente conjunto de taças em cerâmica modelada, datadas do século XVII (Rego e Macias, 1994: 151; Macias e Rego, 2007). Em Silves na rua Elias Garcia, os fornos datados do final do século XVI ofereceram um conjunto de taças e púcaros modelados. Embora a decoração seja consentânea com um único padrão decorativo, sobressaem os ônfalos de projecção vertical e horizontal (Gomes, 2008: 283).

O poço dos Paços do Concelho em Torres Vedras também ofereceu cerâmica modelada datada do século XVII (Luna e Cardoso, 2006: 108); o mesmo em Palmela, onde várias intervenções na vila ofereceram cerâmica com estas características (Fernandes e Carvalho, 2003: 248); no Porto, embora numa breve

referência, foram igualmente exumados alguns fragmentos de peças modeladas (Barreira, Dórdio e Teixeira, 1998: 175). No convento de Santana de Leiria, entre o conjunto de cerâmica fina decorada, surgiram catorze fragmentos com motivos ovóides, círculos e linhas onduladas (Trindade, 2012: 534-535). Na iconografia portuguesa verifica-se a representação de cenas nas quais estão presentes alguns modelos referentes a estes exemplares que testemunham, ajudando a compreender o quotidiano dos espaços domésticos. Deste modo, destacamos o trabalho elaborado por Joana Gonçalves sobre esta temática na pintura Josepha D'Aiyalla (Gonçalves, 2013: 1145-1153).

Neste pequeno conjunto em análise destacamos alguns objectos decorativos ao nível da estatuária, tal como uma peça ovóide em forma de peixe que é simultaneamente um contentor de líquido (nº 58). Muito peculiar, apresenta-se incompleto. Expressivo na sua composição, apresenta, contudo, um fabrico pouco cuidado. Os olhos encontram-se desnivelados, tal como o corpo em relação ao eixo central. Hipoteticamente poderá estar relacionado como elemento decorativo de jardim, na medida em que a base apresenta vestígios de assentamento noutro elemento cerâmico. Por outro lado, o topo da peça oferece uma pequena área preenchida por orifícios. Avançamos com a proposta de poder ter funcionado como floreira.

Um dos olhos ainda conserva uma pequena conta perfurada, em azul e o corpo apresenta decoração incisa, pequenos pontos, traços e círculos a barbotina. Facto interessante, esta peça foi parcialmente levantada à roda rápida. A cozedura é oxidante e apresenta características das produções de Lisboa.

### 3.1.6. Estatuária

Foi exumada uma pequena estatueta vidrada, melada, de perfil incompleto (nº 57). Pensamos que retrata uma figura feminina, embora estilizada, podendo tratar-se de um zoomórfico com atributos femininos. A pasta, dura, rosada, apresenta glunometria fina, ao que indica uma provável produção sevilhana. Recolheu-se uma pequena cabeça de uma figura antropomórfica coberta de cal (Figura 7). Escultura de boa qualidade apresenta na zona do pescoço um orifício que poderá ter sido utilizado para fixar a cabeça a um corpo. Não encontramos paralelos para este tipo de peça.

No meio dos objectos recolhidos encontra-se uma

gárgula que representa um negro. De barro vermelho tem decoração empedrada de quartzo leitoso. É um trabalho rústico muito singelo executado certamente por um dos oleiros de Lisboa, Solange Parvaux, apresenta uma peça muito idêntica, realizada nos anos 60 do século XX, nas olarias de Elvas para satisfazer uma encomenda realizada para integrar a decoração do castelo de São Jorge em Lisboa (Parvaux, 1968: Pl. XXXVI).

### 3.2. Artefactos em osso

Apresentamos um elemento de torre de roca em osso (nº 59). De secção circular, com um comprimento de 102mm, foi elaborado numa única peça e finamente decorado com um conjunto de anéis onde são visíveis ligeiras incisões diagonais. Existe ainda um espaço aberto onde é visível um eixo central de secção circular, circundado por quatro pequenas hastes carenadas e decoradas. Encontra-se praticamente completo.

Também em osso, existem duas agulhas parcialmente inteiras (nºs 60-61). A mais pequena apresenta corte de secção circular, um comprimento de 58mm, enquanto na maior o corte é de secção oval e mede 120mm. As duas possuem orifício e carecem da extremidade distal.

#### 3.2.1. Componente lúdica

Um pequeno dado faz parte dos objectos em osso (nº 62). Bem preservado e executado, mede 8x8x8mm. As marcas faciais encontram-se bem visíveis. Sabemos que o jogo de dados é uma actividade lúdica ancestral. Contudo, estas peças não têm grande representatividade nestes contextos arqueológicos.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos materiais provenientes de um silo do palácio de Santa Helena é o reflexo das vivências de uma comunidade da Lisboa dos séculos XVI-XVII. Foi possível por via da mesma, distinguir conjuntos que referenciam níveis sociais mais abastados, através de peças de maior prestígio, de outros associados a um estrato de população com menos recursos, como é o caso das peças adquiridas com defeito. Contudo, facto transversal a todo este universo é a demonstração dos efeitos das pestes, presentes em todos eles pelos vestígios da aplicação de cal, com o fim de eliminar possíveis contágios mediante a sua utilização.

O conjunto que apresentamos reveste-se de alguma diversidade, quer ao nível formal, como decorativo, facto que lhe confere características bem contextualizadas atendendo à época sobre a qual incide este estudo.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Mariana Brito (2016) – Portuguese faience at Convent of Jesus (Setúbal). In Gomes, R. V.; Casimiro, T. M.; Gomes, M. V. (eds), *Proceedings of the first International Conference of Portuguese Faience (16<sup>th</sup>-19<sup>th</sup> centuries)*. Instituto de Arqueologia e Paleociências – IAP, Universidade Nova de Lisboa, pp. 141-150.

ALVES, Francisco; RODRIGUES, Paulo; GARCIA, Catarina; ALELUIA, Miguel (1998) – A cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV, *Ria de Aveiro A* e da zona *Ria de Aveiro B*. Aproximação tipológica preliminar. In *Actas das 2<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 185-210.

AMARO, Clementino; FILIPE, Vanessa; HENRIQUES, José Pedro; MANSO, Cláudia Rodrigues (2013) – Prisão do Aljube no século XVI – vidros, majólica italiana e cerâmica esmaltada espanhola. In *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1019-1024.

BARGÃO, André; FERREIRA, Sara (2013) – Pátio Linheiro, Largo dos Trigueiros: um exemplo da Lisboa seiscentista. In *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1049-1055.

BARREIRA, Paula; DORDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo (1998) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII. In *Actas das 2<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 145-184.

BATALHA, Luísa; CARDOSO, Guilherme (2013) – Um poço Seiscentista no Vale de Alcântara (Santa Isabel, Lisboa). In *EMERITA – Estudos de Arqueologia e Património Cultural*, 1. Lisboa, pp. 113-140.

BATALHA, Luísa; CAMPÔA, Andreia; CARDOSO, Guilherme; NETO, Nuno; REBELO, Paulo; SANTOS, Raquel (2012) – Vestígios de um centro produtor de Faiança dos séculos XVII-XVIII: dados de uma intervenção arqueológica na rua de Buenos Aires nº 10, Lisboa. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna 2 (Arqueoarte)*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 951-962).

BATALHA, Luísa; CARDOSO, Guilherme; NETO, Nuno; REBELO, Paulo; SANTOS, Raquel (2016) – Portuguese faience found at 10 Buenos Aires Street Pits – Lisbon (17<sup>th</sup>-18<sup>th</sup> centuries). In Gomes, R. V.; Casimiro, T. M.; Gomes, M. V. (eds), *Proceedings of the first International Conference of*

- Portuguese Faience (16<sup>th</sup>-19<sup>th</sup> centuries)*. Instituto de Arqueologia e Paleociências – IAP, Universidade Nova de Lisboa, pp. 27-38.
- BOAVIDA, Carlos; CASIMIRO, Tânia Manuel; SILVA, Telmo (2016) – Portuguese Faience in Santarém: evidence from two convents. In Gomes, R. V.; Casimiro, T. M.; Gomes, M. V. (eds), *Proceedings of the first International Conference of Portuguese Faience (16<sup>th</sup>-19<sup>th</sup> centuries)*. Instituto de Arqueologia e Paleociências – IAP, Universidade Nova de Lisboa, pp. 257-262.
- BOTELHO, Paulo; FERREIRA, Sónia (2016) – Faianças portuguesas de Faro (Século XVII): novos dados para o seu estudo. In Gomes, R. V.; Casimiro, T. M.; Gomes, M. V. (eds), *Proceedings of the first International Conference of Portuguese Faience (16<sup>th</sup>-19<sup>th</sup> centuries)*. Instituto de Arqueologia e Paleociências – IAP, Universidade Nova de Lisboa, pp. 247-256.
- CAESSA, Ana; BARGÃO, André; MARQUES, António; FERREIRA, Sara (2016) – Cerâmicas Finas de Idade Moderna do Pátio Linheiro (Mouraria, 2010). In Gomes, R. V.; Casimiro, T. M.; Gomes, M. V. (eds), *Proceedings of the first International Conference of Portuguese Faience (16<sup>th</sup>-19<sup>th</sup> centuries)*. Instituto de Arqueologia e Paleociências – IAP, Universidade Nova de Lisboa, pp. 111-124.
- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (1999) – Tipologia e Cronologia de Cerâmicas dos Séculos XVI, XVII e XIX Encontradas em Cascais. *Arqueologia Medieval* 6. Porto: Edições Afrontamento / Campo Arqueológico de Mértola, pp. 193-212.
- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (2008) – As cerâmicas do Poço Novo II. In *Actas das 4<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 95-108.
- CARVALHO, Patrícia; BETTENCOURT, José (2012) – De Aveiro para as margens do Atlântico. A carga do navio RIA de Aveiro e a circulação de cerâmica na época moderna. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna 2 (Arqueoarte)*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 733-746.
- DIOGO, Dias António; TRINDADE, Laura (1998) – Intervenção Arqueológica na Rua João do Outeiro, nºs 36/44, na Mouraria, em Lisboa. In *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 257-265.
- FERNANDES, Isabel Cristina; CARVALHO, António Rafael de (1998) – conjuntos cerâmicos pós-medievais de Palmela. In *Actas das 2<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 211-255.
- FERNANDES, Isabel Cristina; CARVALHO, António Rafael de (2002) – A loiça Seiscentista do Convento de S. Francisco de Alferrara (Palmela). In *Actas das 3<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 231-252.
- FERNANDES, Isabel Cristina (2012) – O último convento da Ordem de Santiago em Palmela: dados arqueológicos da intervenção no pátio fronteiro à igreja. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna 2 (Arqueoarte)*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 699-710.
- FIGUEIREDO, José Anastasio de (1800) – Nova História da Ordem Militar de Malta e dos senhores Grão Prioros della em Portugal. Lisboa, com Licença e Privilégio Real.
- GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (2012) – A cerâmica moderna do castelo de S. Jorge: produção local de cerâmica comum, pintada a branco, moldada e vidrada e de Faiança. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna 2 (Arqueoarte)*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 719-732.
- GODINHO, Anabela Silva de Deus (2008) – Lisboa através dos registos paroquiais da Sé: população e sociedade (Séc. XVI-XVIII). CITCM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. FCT PTDC / HIS-HIS / 099228 / 2008.
- GOMES, Mário Varela (2008) – Dois fornos de cerâmica de Silves (séculos XVI-XVII – notícia preliminar. In *Actas das 4as Jornadas de Cerâmica Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 271-292.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela; ALMEIDA, Mariana; BOAVIDA, Carlos; NEVES, Dário; HAMILTON, Kierstin; SANTOS, Carolina (2013) – Convento de Santana (Lisboa). Estudo preliminar do espólio da fossa 7. In *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1057-1065.
- GONÇALVES, Joana (2013) – Objectos do Quotidiano na Pintura de Josepha d’Ayalla. Imaginário ou realidade arqueológica? In *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1145-1153.
- GONZALES, Cristina (2012) – Os Novos Espaços da Cidade Moderna. Uma Aproximação à Ribeira de Lisboa através de uma intervenção no Largo do Trigo. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna 1 (Arqueoarte)*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 85-94.
- GUTIÉRREZ, Alejandra (2012) – Of sundry colours and mouldes. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna 1 (Arqueoarte)*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de

Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 37-50.

LOPES, Gonçalo; ROQUE, Conceição (2012) A intimidade palaciana no século XVII. Objectos provenientes de um esgoto do Paço dos Lobos da Gama (Évora). Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna 1 (Arqueoarte)*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 201-208.

LUNA, Isabel; CARDOSO Guilherme (2006) – Nota preliminar sobre as cerâmicas do Poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras. In *II Seminário do Património da Região Oeste*. Cadaval: Câmara Municipal do Cadaval, pp. 99-112.

MACIAS; Santiago; REGO, Miguel (2007) – Convento de Santa Clara-Moura. Um conjunto cerâmico do século XVII. Câmara Municipal de Moura.

MARQUES, António; LEITÃO, Eva; BOTELHO, Paulo (2012) – Rua do Benfornoso 168/186 (Lisboa – Mouraria / Intendente). In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna 1 (Arqueoarte)*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 123-134.

OSÓRIO, Maria Isabel Pinto; SILVA, António Manuel (1998) – Cerâmicas vidradas da época moderna no Porto. In *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 283-314.

PARVAUX, Solange (1968) – *La Céramique Populaire du Haut-Alentejo*. Fondation Calouste Gulbenkian Publications du Centre Culturel Portugais, Presses Universitaires de France, Paris.

SABROSA; Armando (2008) – As faianças da Casa Corte Real, Largo do Corpo Santo, Lisboa. In *Actas das 4as Jornadas de Cerâmica Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 109-142.

SANTO, Patrícia Augusto (2008) – Cerâmicas de cronologia moderna do edifício do Aljube em Lisboa. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 11, 2. IGESPAR, pp. 325-345.

SILVA, Carlos Tavares da; DUARTE, Ana (2016) – Faianças portuguesas em contexto de lixeira da Setúbal moderna. In Gomes, R. V.; Casimiro, T. M.; Gomes, M. V. (eds), *Proceedings of the first International Conference of Portuguese Faience (16<sup>th</sup>-19<sup>th</sup> centuries)*. Instituto de Arqueologia e Paleociências – IAP, Universidade Nova de Lisboa, pp. 161-168.

SILVA, Ricardo Costeira da (2012) – Primeira Abordagem a um depósito Moderno no Antigo Paço Episcopal de Coimbra (Museu Nacional de Machado de Castro). In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna 2 (Arqueoarte)*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e

Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 877-890.

SILVA, Rodrigo Banha da; MIRANDA, Pedro; VIEIRA, Vasco Noronha; VICENTE, António Moreira; LOPES, Gonçalo; NOZES, Cristina (2012) – Largo do Chafariz de Dentro: Alfama em época moderna. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna 1 (Arqueoarte)*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 71-84.

REGO, Miguel; MACIAS, Santiago (1993) – Cerâmicas do século XVII do Convento de Santa Clara (Moura). *Arqueologia Medieval*. Porto, 3, pp. 147-159.

RODRIGUES, Severino; BOLILA, Catarina; FILIPE, Vanessa; HENRIQUES, João Pedro; RIBEIRO; Inês Vaz; SIMÕES, Sara Teixeira (2012) – As cerâmicas de Idade Moderna da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, Cascais. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna 2 (Arqueoarte)*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 865-876.

TRINDADE; Ana Rita (2012) – Cerâmica dos séculos XV a XVIII do Convento de Santana de Leiria: História e vivências em torno da cultura material. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna 1 (Arqueoarte)*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 527-538.

TRINDADE, Laura; DIOGO, António Dias (2002) – Cerâmicas de Barro Vermelho de Entulhos do Terramoto de 1755 Provenientes da Sondagem 14 da Rua dos Correeiro, em Lisboa. In *Actas das 3as Jornadas de Cerâmica Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 285-293.



Figura 1 – Vista geral do limite Sul do pátio, sendo visíveis as sepulturas islâmicas, um dos silos e o conjunto de estruturas de época Moderna.



Figura 2 – Vista geral do limite Sul do pátio, sendo visíveis as sepulturas islâmicas, um dos silos EU [1257].



Figura 3 – Estrutura negativa com diâmetro, EU [1257].

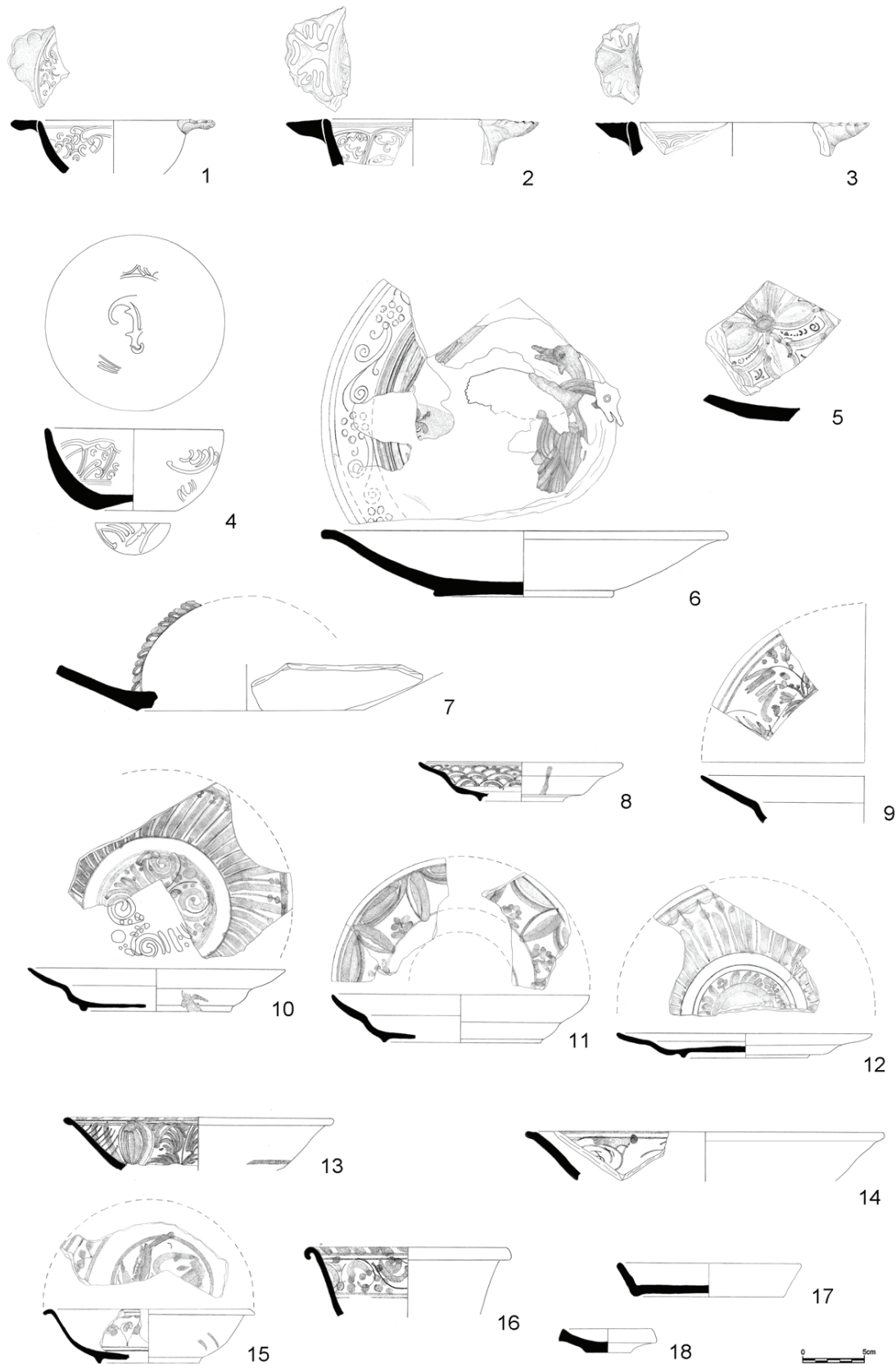


Figura 4 – Cerâmica de mesa esmaltada.

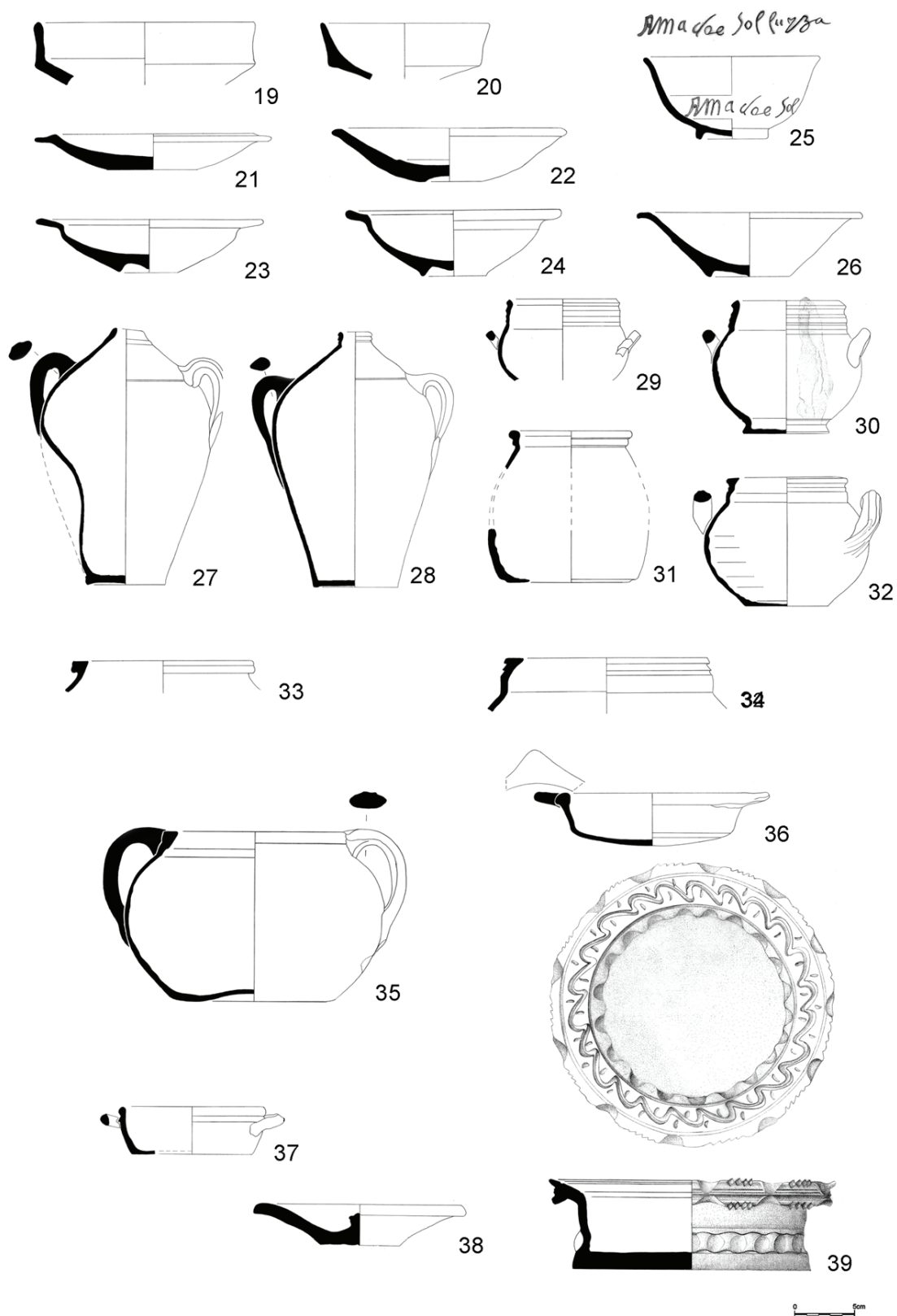


Figura 5 – Cerâmica doméstica vidrada e fosca.

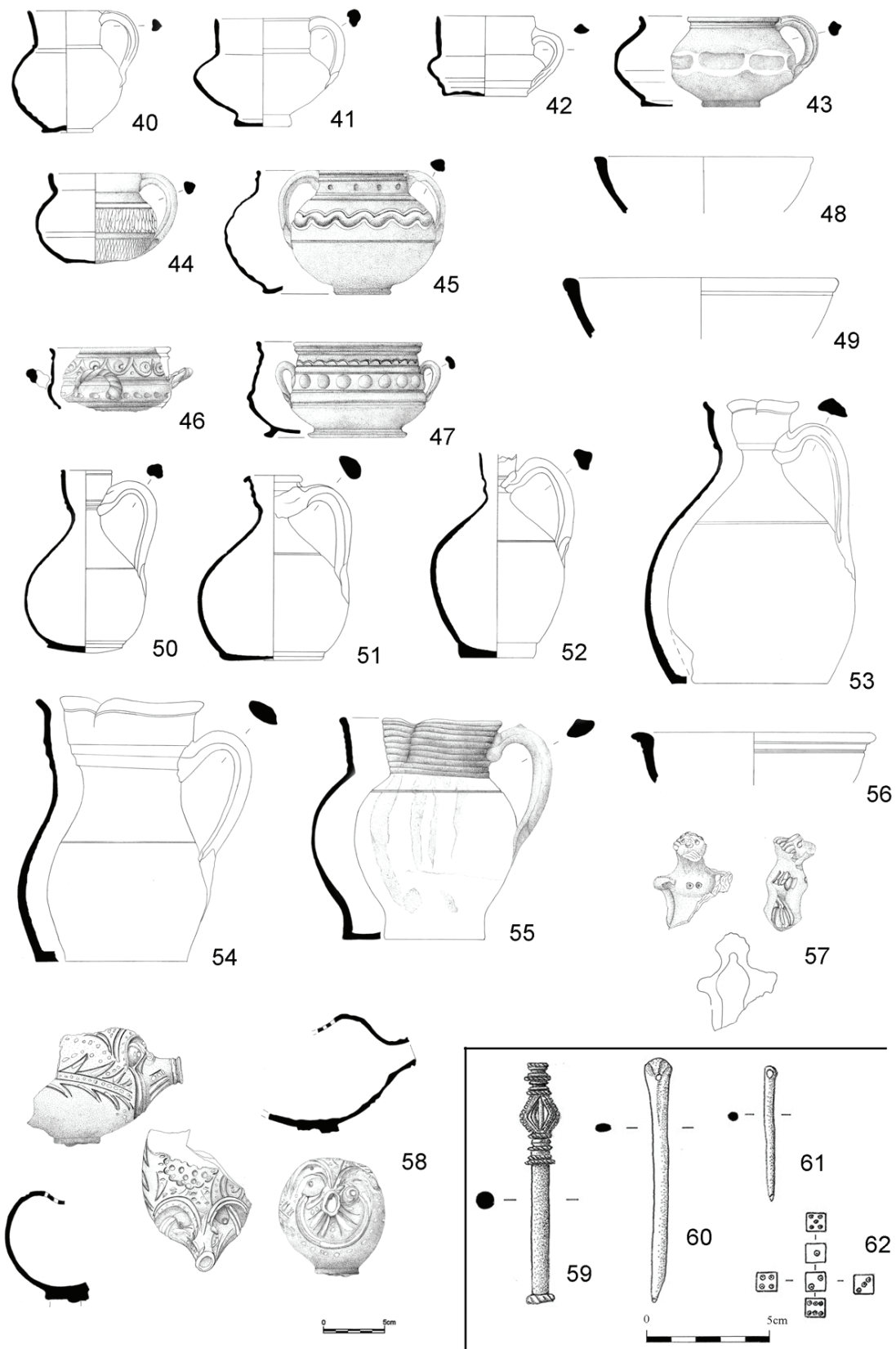


Figura 6 – Cerâmica doméstica fosca e objectos de osso.

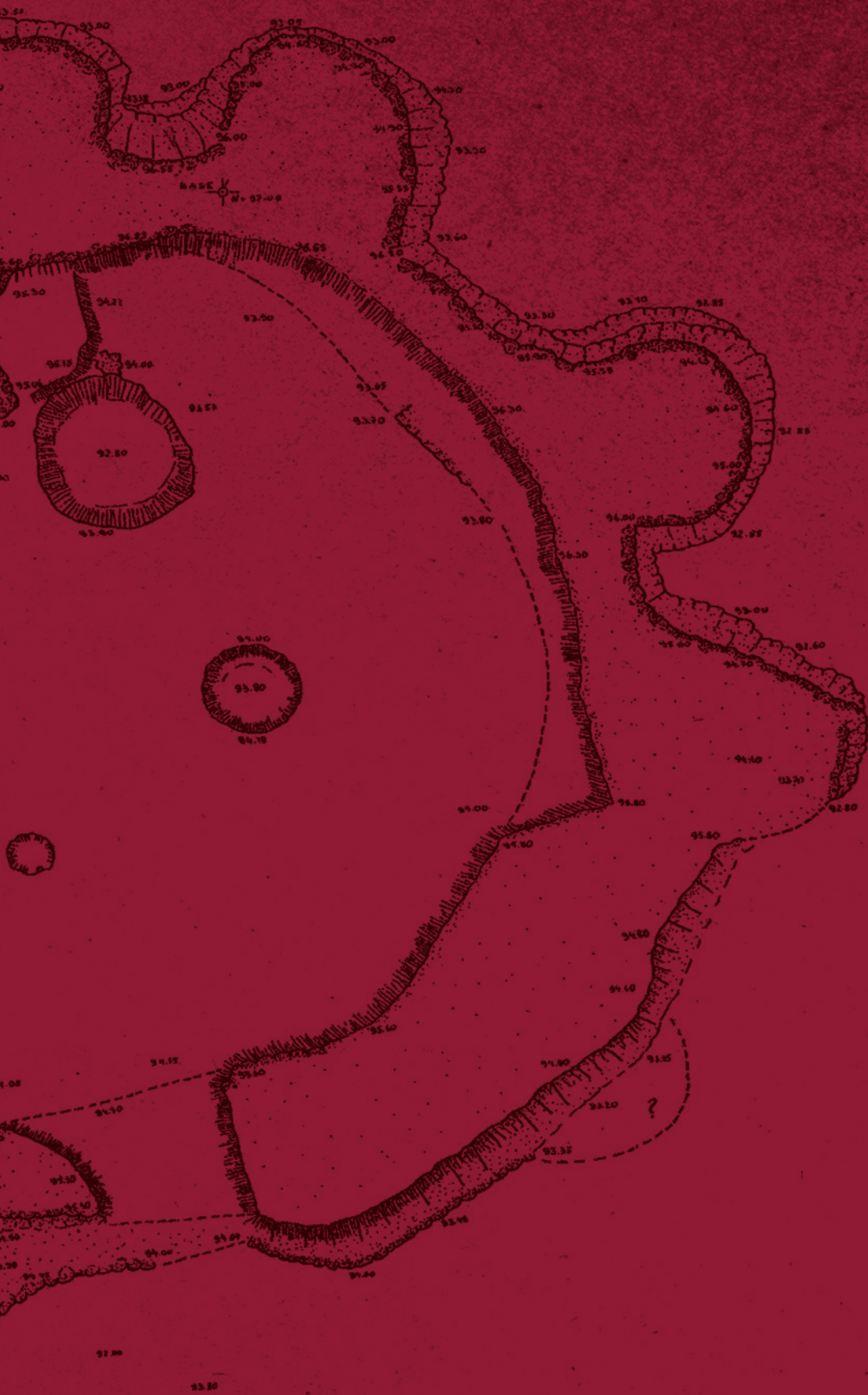


Figura 7 – Cabeça de cerâmica. Imagem religiosa?



Figura 8 – Gárgula de cerâmica pedrada representando cabeça de negro.





Patrocinador oficial